

A CIDADE SAGRADA E A CIDADE PROFANA DO PARA-FORMAL

GUSTAVO DE OLIVEIRA NUNES¹; DÉBORA SOUTO ALLEMAND²; LORENA MAIA RESENDE³; PAOLA DA SILVA BRUM⁴; RAFAELA BARROS DE PINHO⁵; EDUARDO ROCHA⁶

- ¹ Universidade Federal de Pelotas – gustavohnunes@msn.com
² Universidade Federal de Pelotas – deborallemand@hotmail.com
³ Universidade Federal de Pelotas – lorenamiltao@gmail.com
⁴ Universidade Federal de Pelotas – paolahbrum@gmail.com
⁵ Universidade Federal de Pelotas – rafaelaapinho@gmail.com
⁶ Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se dedica a dar visualidade à para-formalidade. O "para-formal", para o grupo GPA (2010)¹, é um conceito de fronteira, que ao contrário da oposição entre o formal e o informal – a partir de áreas do conhecimento como o urbanismo e a economia, que categorizam seus estudos e objetos em cidade/economia formal e informal – busca experimentar a fresta ou o interstício entre categorias, que aqui denominamos como cenas urbanas "para-formais". Um modelo de investigação "para-formal" se apropria de categorias alternativas para explorar o "campo do meio", a zona cinza, onde se desenvolve a verdadeira máquina da cidade. O para-formal aqui (numa escala diferente da proposta pelo grupo GPA, que espia grandes massas e conjuntos para-formais) encontra-se no cruzamento do formal (formado) e do informal (em formação), são todas as atividades (comerciais, culturais, moradia, lazer, mistas, etc.) encontradas nos espaços abertos e públicos da cidade, que não fazem parte de seu desenho urbano original, mas que agora – na contemporaneidade² – fazem parte de seu cotidiano.



figura 01: cenas para-formais.
 fonte: Gustavo Nunes, 2014.

Faz-se aqui um elogio aos vendedores ambulantes, aos artistas de rua, e a todo ator ou objeto que profana o espaço formal da cidade, "a cidade regrada, urbanizada e inscrita em numerosos sistemas legais, sistemas estáveis e

¹ O grupo Gris Público Americano (GPA) é um coletivo independente, formado por um grupo de arquitetos argentinos com sede em Buenos Aires, integrado por Mauricio Corbalán, Paola Salaberri, Pío Torroja, Adriana Vázquez, Daniel Wepfer e Norberto Nenninger. [<https://www.facebook.com/grispublicoamericano.gpa>].

Propõe investigações que tem como ponto central as situações de controvérsias urbanas, polêmicas e/ou complexas.

² "A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, dele toma distâncias [...]" (AGANBEM, 2009, p. 59).

previsíveis" (GPA, 2010). Profanar, segundo AGAMBEN (2007), é roubar tudo o que foi consagrado, que designa a saída das coisas do direito humano, e restituí-los ao livre uso dos homens. Sendo assim, os para-formais podem ser considerados os profanadores na cidade contemporânea, pois apropriam-se do espaço público e produzem atividades que "tendem a subverter as leis da economia tradicional, do urbanismo e das relações humanas, gerando mudanças importantes, tanto teóricas como práticas, na maneira de pensar e planejar a cidade" (GPA, 2010).

Pode-se ter uma experiência³ urbana no encontro com o para-formal, pois estes são dispositivos da alteridade⁴ na cidade. Através de trocas materiais ou culturais, o para-formal muda o espaço público, dá vida ao lugar. Resiste e profana o sagrado (a cidade consagrada pelo poder público), e ao profanar inclusive aquilo que tornou-se improfanável, que seria o capitalismo, é a tarefa política da geração que vem (AGAMBEN, 2007).

A experiência urbana de alteridade, porém, está cada vez mais rara nas cidades contemporâneas (JACQUES; PAOLA, 2012) onde "o capital financeiro e midiático que capturou o capital simbólico e que busca a eliminação dos conflitos, dos dissensos e das disputas entre diferentes - seja pela indiferenciação - seja pela inclusão excludente, promovendo assim a pasteurização, homogeneização e diluição das possibilidades de experiência nas cidades contemporâneas."

Este trabalho tem por objetivo, então, nos aproximar dos para-formais, aqueles que a maioria prefere manter na invisibilidade, através da cartografia⁵ e de errâncias urbanas⁶. Identifica-se a cidade profana, onde habita o para-formal, dentro da cidade sagrada, consagrada pelo poder público e vítima do sistema capitalista, que tende a espetacularizar as cidades e não admite a diferença.

2. METODOLOGIA

Revisão bibliográfica relativa à "para-formalidade". Através do método da cartografia e das errâncias urbanas, que nos aproximam da experiência de alteridade na cidade (JACQUES, 2012), foi feita a coleta e análise de cenas urbanas da área do calçadão da cidade de Pelotas, tentando-se entender qual era a relação de alteridade entre a cidade sagrada, consagrada pelo poder público, e a cidade profana, na qual o para-formal existe.

³ "A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que nos toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça." (LARROSA; JORGE, 2002)

⁴ o homem, na sua vertente social, interage e interdepende com o outro. Por esse motivo, o "eu" na sua forma mais individual só pode existir através de um contato com o outro

⁵ A cartografia urbana é um método que se faz para cada caso, cada grupo, cada tempo e cada lugar. Podemos registrar essa cartografia urbana através de desenhos, fotografias, filmes, cadernos de campo, exercícios artísticos, sons, etc. - quaisquer formas de expressão que possibilitem avançar no exercício do pensar. A cartografia é um modo de ação sobre a realidade, um modo próximo à uma tática, um mapa que propõe o enfrentamento com o real, despojando-se com as mediações a partir de modelos preconcebidos. (ROCHA, 2008)

⁶ Segundo Paola Jacques: "Errar, ou seja, a prática da errância, pode ser um instrumento da experiência urbana, uma ferramenta subjetiva e singular, ou seja, o contrário de um método ou de um diagnóstico tradicional. A errância urbana é uma apologia da experiência da cidade, que pode ser praticada por qualquer um, mas que o errante pratica de forma voluntária. O errante é então aquele que busca o estado de espírito (ou melhor, de corpo) errante, que experimenta a cidade através das errâncias, que se preocupa mais com as práticas, ações e percursos, do que com as representações, planificações ou projeções" (2006, p.6).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a errância realizada no calçadão de Pelotas, identificou-se os atores e objetos para-formais. A partir da coleta, parte-se para a identificação dos equipamentos "para-formais" presentes em cada atividade registrada (bancas, cestos, caixas, bancos, etc), classificando-os quanto ao seu tipo, porte, mobilidade e instalações, além de fazer a relação dos corpos com os equipamentos e de reconhecer elementos que possam modificar as atividades (como o clima, a estação do ano, etc). Percebe-se também a relação de alteridade que o para-formal cria com a cidade, e levanta algumas perguntas: como a população enxerga o para-formal? Como a população se relaciona com o para-formal? O habitante da cidade aceita melhor um tipo de para-formal que o outro?

Para responder essas perguntas, capturou-se cenas urbanas que possibilitassem entender a cidade e seus usos. Surge então um mapa da cidade profana e um mapa da cidade sagrada. Através da sobreposição desses mapas, percebe-se que uma só existe porque a outra existe. Ambas co-existem num mesmo lugar. O para-formal gera controvérsias urbanas.

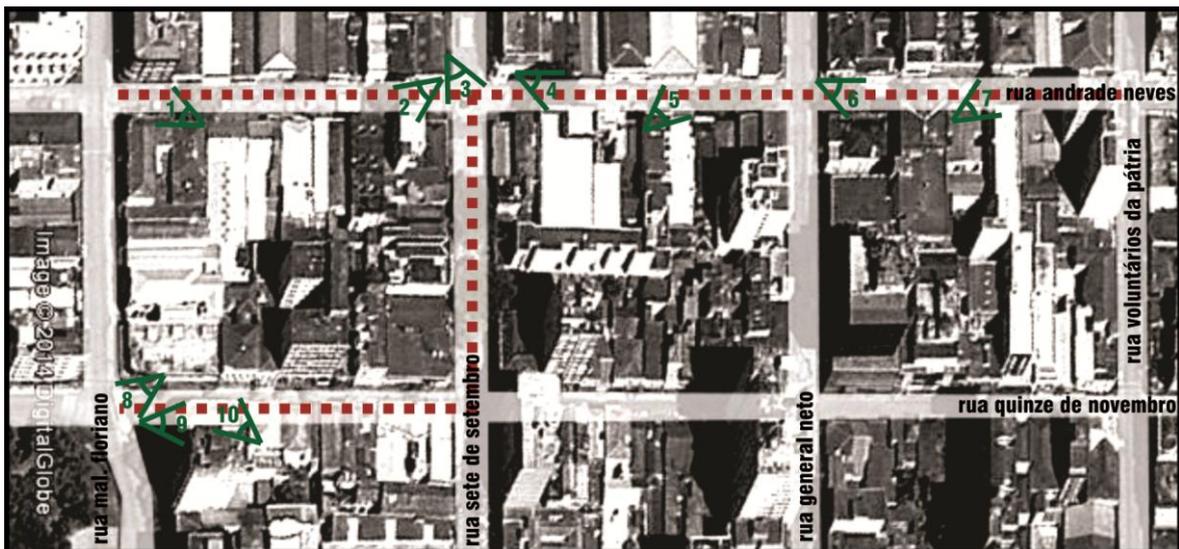


figura 02: mapa do calçadão de pelotas, identificando as cenas para-formais.
fonte: Gustavo Nunes, 2014.

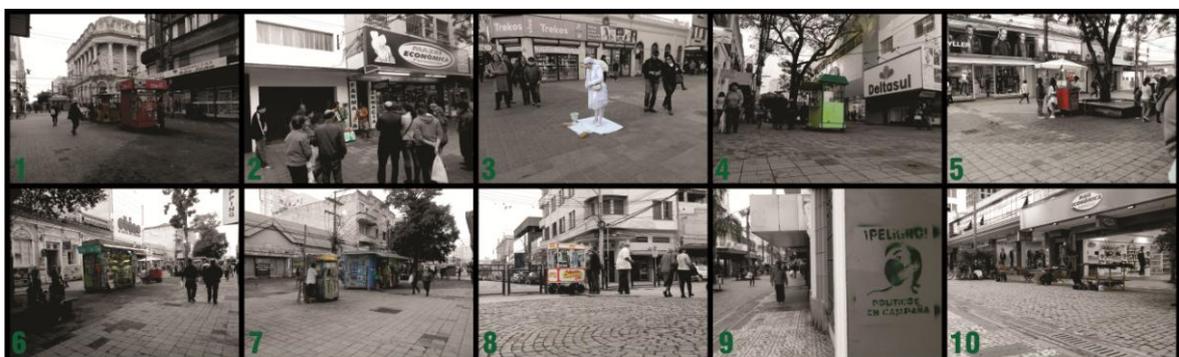


figura 03: cenas para-formais, o profano na cidade consagrada.
fonte: Gustavo Nunes, 2014.

A partir dessa análise, foi possível chegar a alguns resultados, como: 1) O "para-formal" é carregado de costumes e identidade cultural local; 2) O "para-

formal" nos ensina novas soluções para a cidade na contemporaneidade, assim como anima, ensina, vive e experimenta a cidade; 3) O desenho urbano existente (legal) acomoda-se às cenas "para-formais" e vice-versa; 4) Ao mesmo tempo, o "para-formal" também em várias cenas polui, e atrapalha a cidade e o cidadão e 5) O "para-formal" denuncia a ausência de equipamentos urbanos.

4. CONCLUSÕES

Caminhando nas brechas, margens e desvios do espetáculo urbano que surge uma outra cidade, intensa, viva. O "Outro urbano" é aquele que escapa, resiste, vive e sobrevive no cotidiano dessa outra urbanidade, através de táticas de resistência e apropriação do espaço urbano, de forma anônima (ou não) e dissensual, radical. Esse "Outro urbano" se explicita através da figura do morador de rua, ambulante, camelô, catador, prostituta, artistas, entre outros. São estes que a maioria aponta por manter na invisibilidade, opacidade, sendo "alvos" da regulação, ou nas palavras de Paola Jacques (2012), "asepsia" dos projetos e intervenções urbanos.

O para-formal também pode contribuir para uma boa ou uma má experiência urbana, dependendo do contexto em que está inserido, e da hospitalidade⁷ do lugar para com ele, e vice-versa.

Portanto, compreende-se a importância das errâncias urbanas como forma de construção da cidade e da cartografia, abrindo espaço para discussões e pensamentos a respeito do lugar do ser humano.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, G. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- AGAMBEN, G. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007
- AGAMBEN, G. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- DELEZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995.
- FUÃO, F. **A hospitalidade na arquitetura**. In: [entre]cruzamentos: ensaios sobre a cidade contemporânea. p.11-37. Pelotas: Ed. Universitária da UFPel, 2013.
- GALLO, Sílvio. **Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença**. In: Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos. p. 1-16. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2008.
- GRIS PUBLICO AMERICANO. **Para-formal: ecologias urbanas**. Buenos Aires: Bismar Ediciones/CCEBA Apuntes, 2010.
- JACQUES, P. B. [org.]. **Elogio aos Errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.
- LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. In: Revista Brasileira de Educação, n. 19, p 20-28. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2002.
- ROCHA, E. **Cartografias Urbanas**. In: Revista Projectare. n. 2. p.162-172. Pelotas: UFPel, 2008.

⁷ A hospitalidade, "(...) é esse dar lugar ao lugar, a hospitalidade nos faz entender a questão do lugar como sendo fundamental fundadora e impensada da história da nossa cultura". (DERRIDA, 2003)